

The background features a large, solid blue silhouette of a person's head and shoulders, facing right. To the right of the silhouette is a dense, intricate grid of blue lines, resembling a wireframe or a complex drawing. The overall color palette is dominated by blue and white, with some hints of yellow and orange at the edges.

SILVANO FRANCO

ONTEM, HOJE, AGORA



PAULO
DARZÉ
GALERIA

Siron Franco — *Ontem, Hoje, Agora*

— Victor Gorgulho
Curator

Não há caminho certo ou unívoco para o desenvolvimento de uma prática artística. Ao passo em que determinadas produções alimentam-se – regozijam-se? – da experimentação múltipla e infinda dos diferentes meios, suportes e materiais ofertados pelo campo da arte contemporânea, outras optam por uma espécie de voto de castidade às avessas, mantendo-se atemporalmente fiéis à certas condições e meios de produção, de modo a tornarem-se, com o tempo, assinaturas incontestáveis de determinados artistas.

Em suas cinco décadas de dedicação ao labor artístico, Siron Franco (Goiás Velho, GO, 1947), conjugou, com singular destreza e impressionante capacidade de renovação, estas duas esferas ou possibilidades de caminhos para a trajetória de um artista.

Siron Franco – Ontem, Hoje, Agora apresenta um recorte da produção recente em pinturas e esculturas do artista, obras realizadas do início dos anos 2000 até o ano de 2022, quando completou 75 anos.

Se aqui nos é permitido ver um recorte da produção artística de Franco feita nas últimas duas décadas e meia, aproximadamente, é aqui também onde constatamos – delicada e vagorosamente – mudanças empreendidas pelo artista em sua própria prática. Afinal, poucos artistas brasileiros poderiam ser, inequivocamente, enquadrados ora como expoentes do expressionismo abstrato, ora como um exímios pintores surrealistas, como Siron o foi. Tamanha é a delicadeza da espessura do território limítrofe que separa estas definições categóricas do universo da arte na obra de Siron Franco que, por fim, parecem anular-se em um jogo de forças despropositado. Afinal, para muito além do artista estar, possivelmente, buscando provar sua versatilidade estilística, temática e poética, trata-se aqui de um peculiar exercício involuntário executado pelo próprio de uma constante e inevitável devoração de tudo aquilo que o cerca: de suas referências no campo da arte à paisagem do Cerrado Brasileiro, de Jackson Pollock e Francis Bacon à Iberê Camargo e Flávio de Carvalho.

Não está em jogo aqui, portanto, uma trôpega (e, sem dúvida, desnecessária) tentativa de auto-afirmação por parte do artista de sua ampla capacidade de transitar por registros, linguagens e universos dos mais variados, nos mais distintos suportes e meios. Desde o início de sua produção, Siron Franco sedimentou certo ímpeto polivalente e interdisciplinar, extrapolando, inclusive, os limites dos ambientes ditos “próprios da arte”, como museus, galerias e afins. Até hoje, a produção de Siron é frequentemente atravessada pelo desejo de produzir no espaço público, em escalas monumentais (por vezes quase impossíveis), de modo a friccionar as barreiras que ainda teimam a separar a arte das esferas pública e privada. Sua vasta produção de instalações, esculturas públicas, happenings e outros inomináveis acontecimentos artísticos próprios do asfalto e não dos cubos brancos típicos do circuito da arte, não deixam pedra sobre pedra no que toca à versatilidade artística (e ativista também, diga-se), de Franco.

Para o artista, aliás, duas prosaicas pedras, uma sobre a outra, constituem dupla mais do que suficiente para que o fazer artístico se inicie, a partir de mais um curioso ligamento de sinapses que irá materializar-se em ideia e voz, vindos da incansável e brilhante mente do artista.

Nascido em 1947, filho mais novo de treze irmãos, Siron nasceu em uma família humilde do interior de Goiás. Ainda criança, mudou-se para Goiânia, no Bairro Popular, onde passou sua infância e sua adolescência. Autodidata, aprendeu técnicas básicas do manuseio da pintura a óleo e então começou a pintar retratos da alta sociedade goianiense, pelos quais passou a receber módicas (mas já expressivas, para uma criança) remunerações. No lugar de cursar Medicina, como planejavam seus pais, Franco já havia feito a sua própria cabeça: queria ser pintor.

Os prêmios que comprovavam a excelência de sua produção pictórica, à época, não iriam demorar a chegar. Em 1975, por ocasião de sua participação na 12ª Bienal de São Paulo, o artista é prestigiado com o cobiçado prêmio de “Melhor pintor brasileiro”. Desde então, sua produção decolou, tanto em número de obras realizadas pelo artista quanto em termos do alcance atingido por estas, muitas vezes atingindo territórios em nada familiares para o circuito da arte contemporânea, como os programas de TV, telejornais, o gosto da crítica e, sobretudo, o gosto popular. O gosto e, digamos, um certo engajamento, por parte de um público muitas vezes leigo ou distante (ou seria distanciado?) das grossas paredes das instituições artísticas país a fora.

Selecionadas a dedo pelo artista e pela curadoria, as obras aqui exibidas convidam os visitantes a serem testemunhas oculares da complexidade do processo artístico de Franco. Em pinturas como “A fronteira”, “Vento ao leste”, “Dia e noite” e “O que vi na internet” vemos o artista carregar de tintas abstratas composições formais cartesianas, de certo modo, onde delinea vetores horizontais e verticais, comedido-mente experimentando as possibilidades do tradicional grid moderno. Nestas telas, vemos Siron levar suas pinturas aos seus “territórios de origem”, permitindo que a paleta de cores e a composição formal remeta, naturalmente, à paisagem do Cerrado.

Já em obras como “A dança das vacinas”, “Invasão do amarelo” e “Cabeças”, a presença de tons vermelhos, amarelos e azuis criam um rico mosaico de cores em que resulta em composições que flertam com o abstracionismo geométrico. Produzidas especialmente para a presente ocasião, a série de pinturas inéditas “Humanos”, constitui-se como uma incursão plenamente figurativa na vasta produção do artista. Figuração que se esvai e torna-se abstrata, diga-se, ao olhar aproximado e atento do espectador. Se nosso olho é prontamente guiado para reconhecer as silhuetas do corpo humano em um primeiro momento, logo em seguida tomam nossa atenção elementos curiosos: pinturas rupestres, as marcas da mão do pintor, experimentos idiomáticos, pequenas esferas em relevo sobre a tela a revelarem a presença da terra e de outros pigmentos naturais e afins. A série parece nos brindar com uma semiótica antropológica; um código dos povos originais do cerrado brasileiro. É do coração deste cerrado que Siron trabalha, num ateliê-casa situado próximo a Goiânia. O cerrado, porém, não é o limite do seu mundo, mas o seu centro geográfico. O lugar de onde aprendeu a enxergar de longe. Em “Os nomes”, o escritor norte-americano Don Delillo tece uma bela passagem sobre desertos e oceanos.

O oceano funciona como o inconsciente. Uma superfície infinita que abriga abaixo de si um mundo impenetrável pela luz solar; uma suspensão dispersa de partículas que limitam a visão. As paisagens desérticas são como a vigília constante. A secura estabelece limites claros e nada escapa aos raios do sol. Todos os objetos são discerníveis. É desse segundo lugar que fala a lucidez de Siron Franco. A complexidade de suas telas pede cautela e paciência à visão. A quantidade de detalhes se multiplica à medida que nos aproximamos.

O que era uma superfície abstrata de longe, de perto guarda a silhueta de um rosto, um padrão do povo Karajá, uma figura animal. Quando criança, Siron temia se perder nas veredas infindáveis do cerrado. Seu pai, então, lhe ensinou a se encontrar. Não pelas estrelas ou pelo céu, mas apontando que, ali, havia uma paineira e que, acolá, havia uma sibipiruna; familiarizando-o com o caminho para casa. A pintura de Siron é assim. É preciso percorrê-la em seus meandros, investigá-la em seus pormenores, para, então, lançar-se ao desafio de buscar enxergá-la por inteiro.

Siron Franco — *Sobre*

Siron Franco (1947, Goiás Velho, Brasil) é pintor, escultor, ilustrador, desenhista, gravador e diretor de arte. Em 1950 o artista mudou-se com a família para Goiânia, em 1959, aos 12 anos, passou a frequentar como ouvinte as aulas do curso livre de artes da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, onde permaneceu até 1964. Ali estudou pintura com os artistas D. J. Oliveira (1932-2005) e Cleber Gouvêa (1942-2000), e frequentou também os ateliês de estudos anatômicos. Em 1968 foi contemplado com o Prêmio de Desenho da Bienal da Bahia, mudou-se no ano seguinte para São Paulo, onde residiu até 1971. A série mais conhecida do artista, e que desencadeia uma mudança paradigmática em sua produção, é o conjunto de obras ligadas ao acidente radioativo do Césio 137, em Goiânia, em setembro de 1987.

Seus trabalhos resultam de uma relação intensa com a matéria, facilmente observável nas generosas camadas de tinta a óleo que utiliza em suas pinturas, ou na diversidade de materiais brutos que escolhe para compor suas esculturas ou instalações, tal qual o concreto, aço, chumbo, mármore e resina. Essa intensidade ganha ares dramáticos nos corpos ou fragmentos de corpos que retrata com frequência, sejam corpos de bichos, de gente, de santos, mortos ou vivos. O ar soturno do universo que criou ao longo de seus cinquenta anos de atividade incorpora a sátira e o absurdo para abordar questões políticas e sociais, como a relação violenta e desequilibrada que o homem possui com a natureza e com a sua própria humanidade.

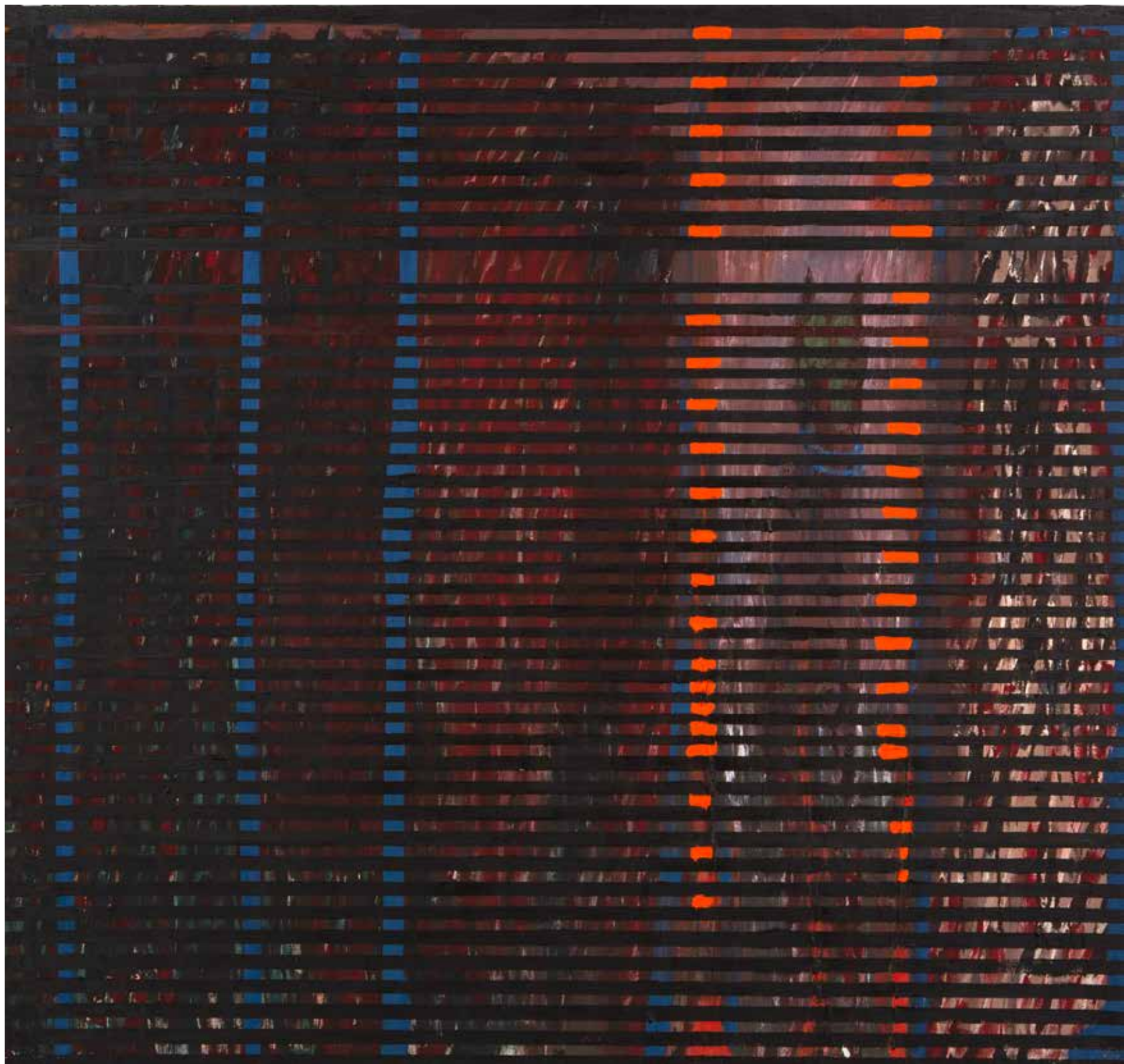
Sua produção é reconhecida desde a década de 1970, tendo participado ao longo de sua carreira de exposições em importantes museus nacionais e internacionais como MASP, MAM-RJ, MAM-SP, Pinacoteca do Estado de São Paulo, The Bronx Museum of the Arts nos Estados Unidos e Nagoya City Art Museum no Japão. Participou da 2ª Bienal de Havana, de diversas edições do Panorama da Arte Brasileira do MAM-SP e da Bienal Internacional de São Paulo, sendo premiado na 13ª edição. Suas obras integram coleções de museus nacionais e internacionais, como Metropolitan Museum of Art, Nova York, Estados Unidos; Essex Collection of Art from Latin America, Colchester, Grã Bretanha; Museu Salvador Allende, Santiago do Chile, Chile; Monterey Museum of Contemporary Art – MARCO, Monterrey, México; Museu Nacional de Belas Artes – MNBA, Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte de São Paulo – MASP, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ, Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia – MAM/BA, Salvador, Brasil.



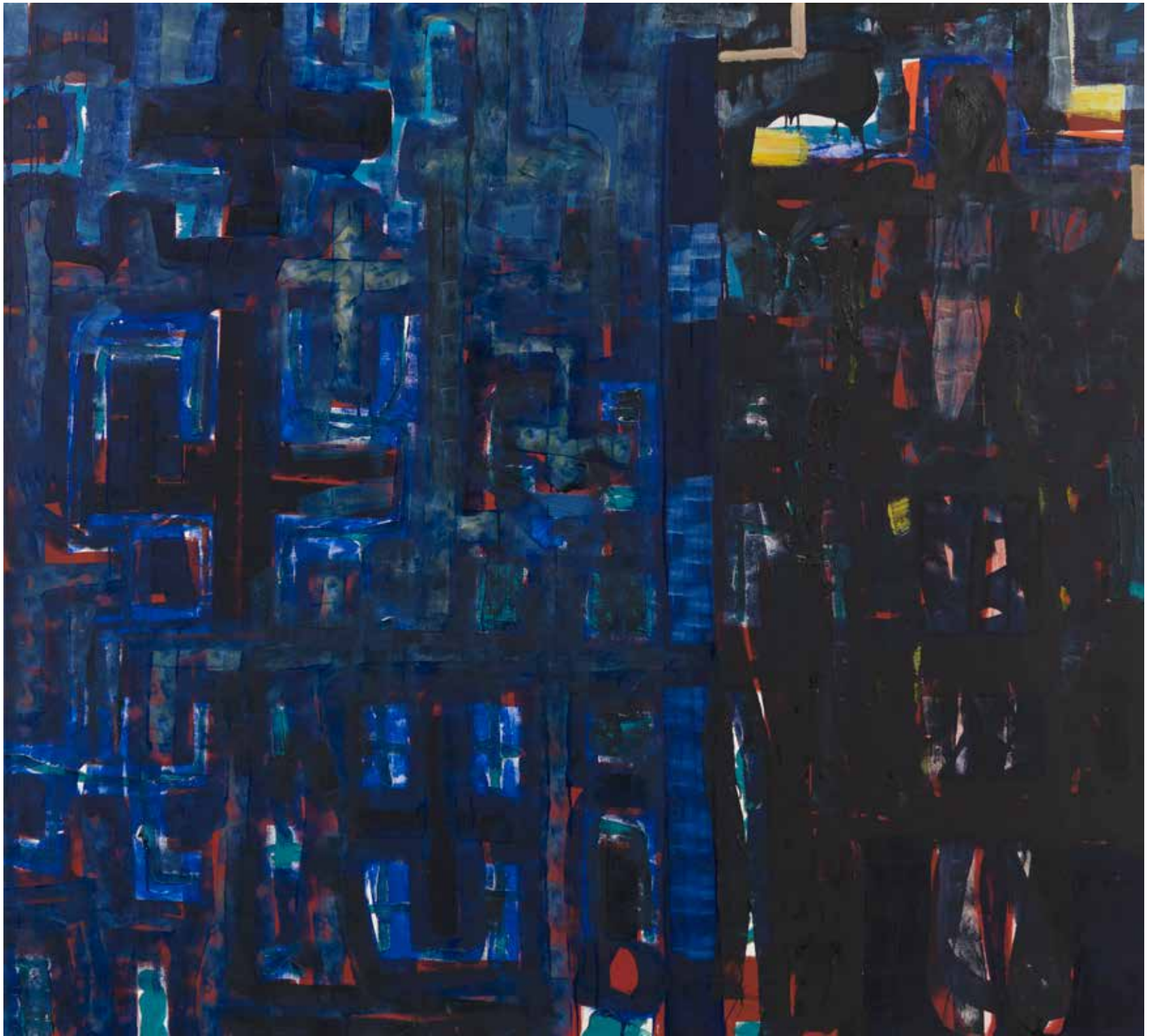
Interior da Boate
2000
Óleo sobre tela
180 x 200 cm



Narciso
2001
Óleo sobre tela
200 x 150 cm



Fronteira
2002/2007
Óleo sobre tela
180 x 190 cm



Catedral
2003/2019
Óleo sobre tela
180 x 200 cm



Cabeças
2003
Óleo sobre tela
100 x 130 cm



O que vi na Internet
2003/2013
Óleo sobre tela
150 x 200 cm



Cortina vermelha
2005
Óleo sobre tela
135,5 x 155 cm



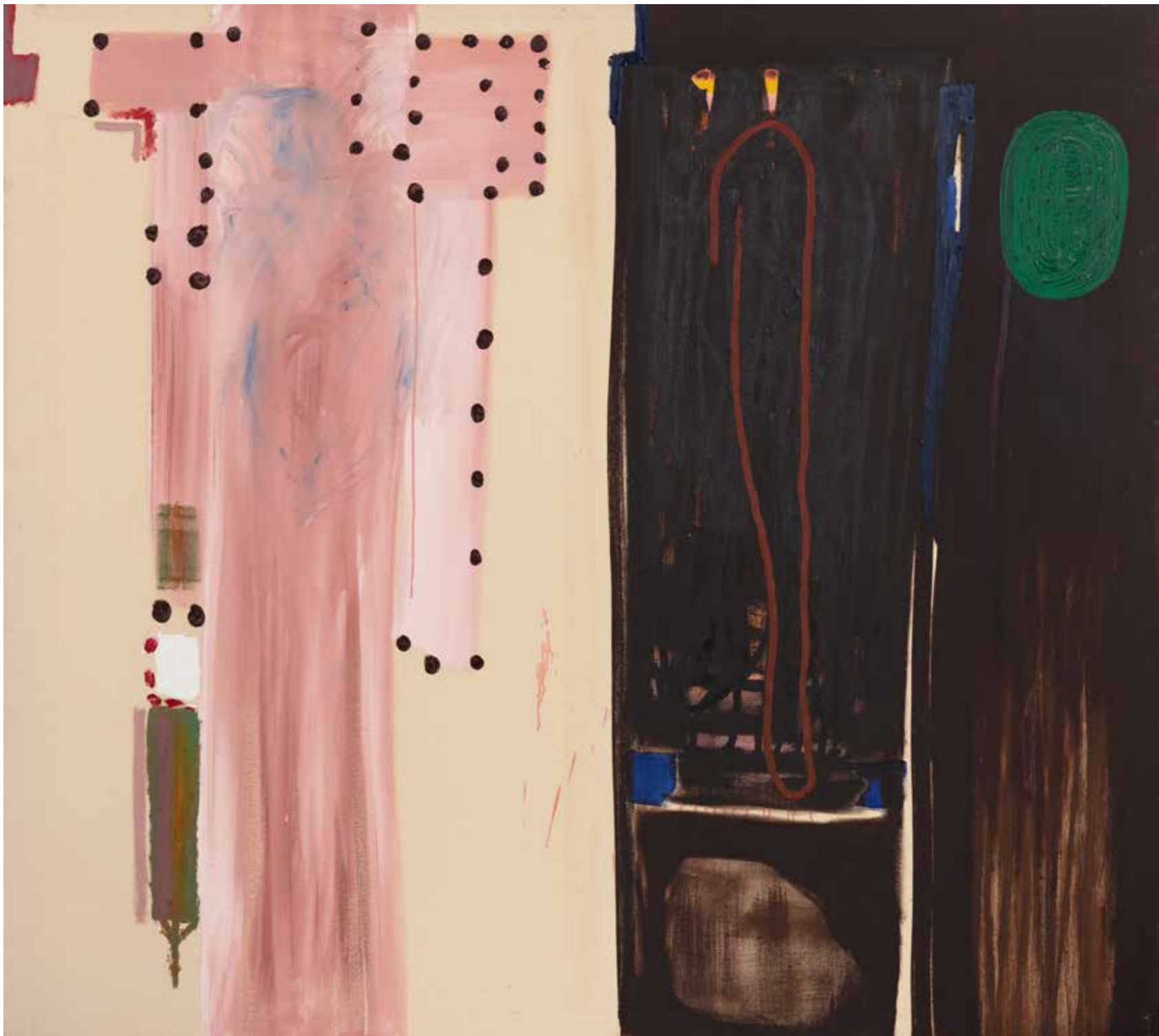
São Paulo
2005
Óleo sobre tela
150,5 x 200 cm



Morada do Homem
2006
Óleo sobre tela
200 x 150 cm



Vento ao Leste
2006
Óleo sobre tela
180 x 170 cm



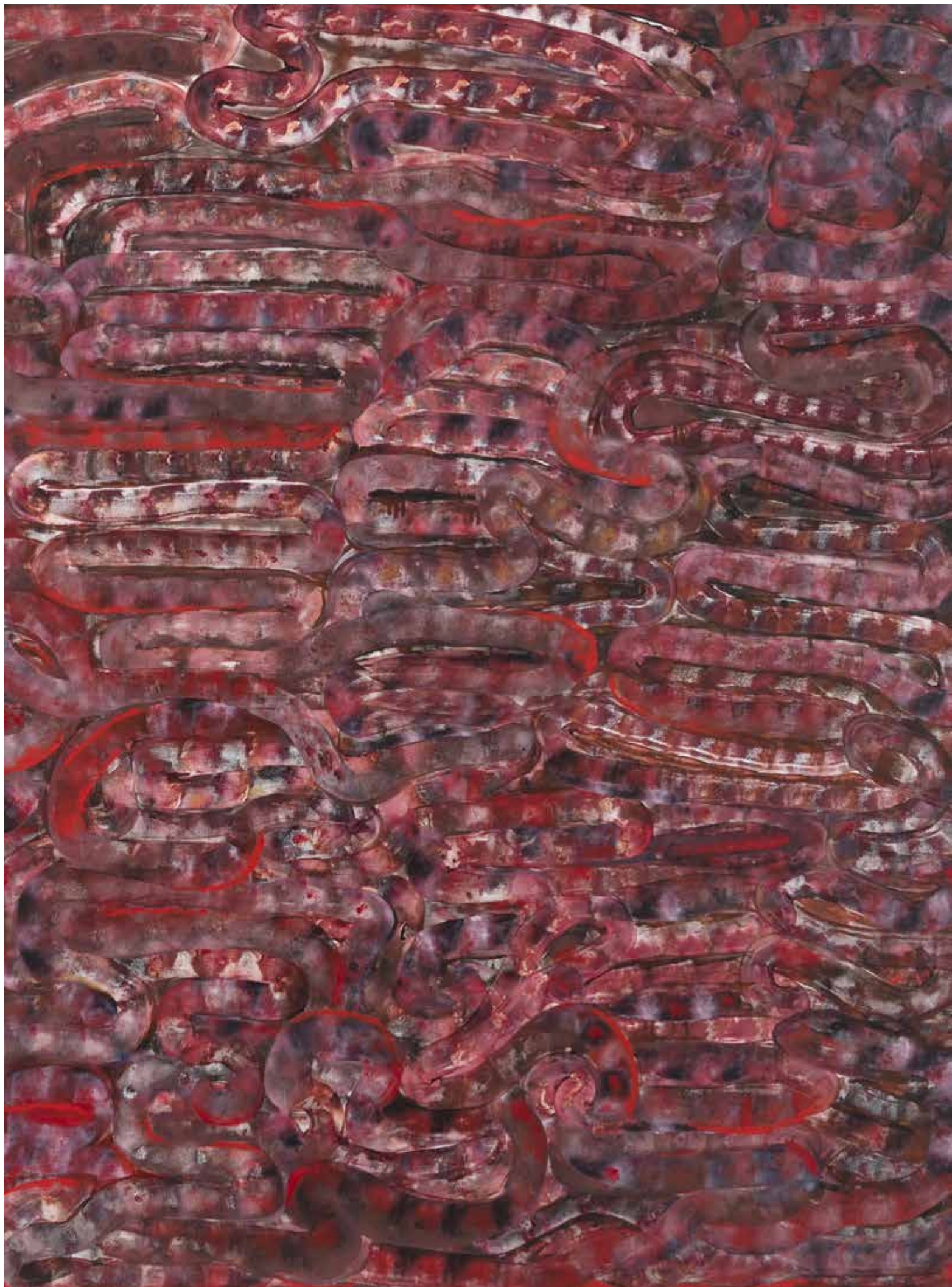
Dia e Noite
2007
Óleo sobre tela
180 x 200 cm



Dança das Vacinas
2009/2022
Óleo sobre tela
180,3 x 190,2 cm



Primeiro Laço
2015
Óleo sobre tela
135,5 x 155,5 cm



Tripas
2016
Óleo sobre tela
200 x 150 cm



Herança
2019
Óleo sobre tela
160 x 200 cm



Anjo Azul
2019
óleo sobre tela
150,5 x 200,5 cm



Invasão do Amarelo
2019/2021
Óleo sobre tela
150,5 x 200,5 cm



A Luz do Dia
2022
Óleo sobre tela
130,5 x 100 cm

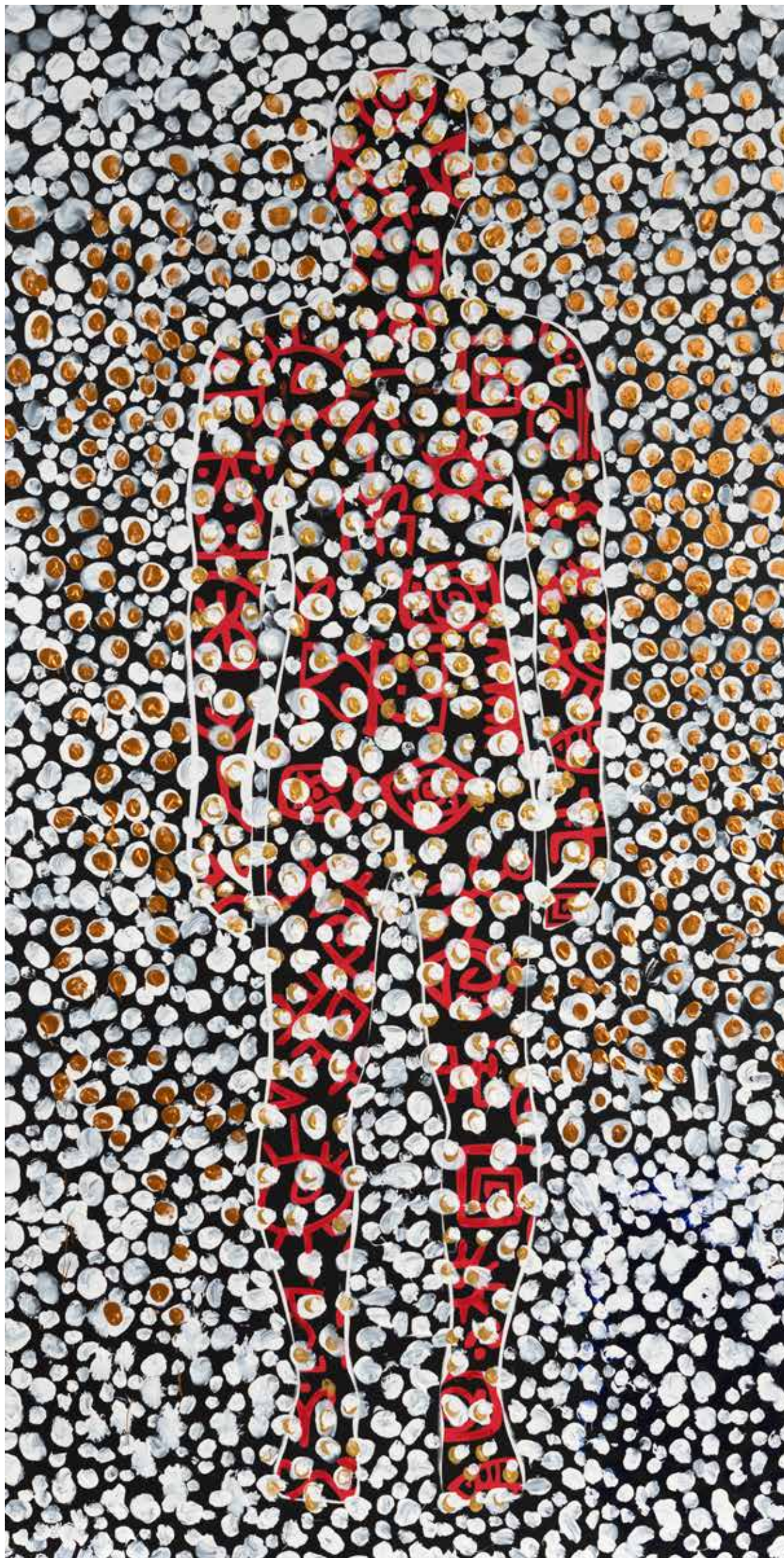


Sem título
2021/2022
granito, plástico, madeira, tinta spray e metal
70 x 144 x 160 cm



Sem título
2021/2022
granito, plástico, madeira, metal, tinta spray e resina
90 x 130 x 90 cm

série *HUMANOS*
(2021 — 2022)



Série Humanos
2021
Técnica mista sobre tela
200 x 100 cm



Série Humanos
2021/2022
Técnica mista sobre tela
200 x 100 cm



Série Humanos
2021/2022
Técnica mista sobre tela
200 x 100 cm



Série Humanos
2021/2022
Técnica mista sobre tela
200 x 100 cm



Série Humanos
2021/2022
Técnica mista sobre tela
200 x 100 cm



Série Humanos
2021/2022
Técnica mista sobre tela
200 x 100 cm



Série Humanos
2021/2022
Plástico e teclas de computador
140 x 53 x 20 cm



Siron Franco – Ontem, hoje, agora

Estande D01

Paulo Darzé Galeria e Almeida & Dale Galeria de Arte

SP-Arte - Rotas Brasileiras

ARCA, Av. Manuel Bandeira, 360 - Vila Leopoldina,
São Paulo, SP

24–27 de agosto, das 11h–20h

28 de agosto, das 11h–19h

ALMEIDA & DALE GALERIA DE ARTE

Rua Caconde, 152 - Jd. Paulista

Tel: 11 3882-7120

vendas.vr@almeidaedale.com.br

www.almeidaedale.com.br

GALERIA PAULO DARZÉ

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar 8, Corredor da Vitória
Salvador – Bahia

Tel: (71) 3267-0930 (71) 99918-6205

paulodarze@terra.com.br

www.paulodarzegaleria.com.br
